

assustado para a minha paróquia em Caxias (Estado do Rio). Achei tudo muito puritano. Radical demais para o meu gosto."

Segundo o padre Martinechen, os cursilhos estariam subordinados à organização Opus Dei (associação de católicos surgida na Espanha e freqüentemente acusada de intromissão nos assuntos do governo de Madri) e pretendiam "recriar uma cristandade nos moldes da Idade Média, transformando a mentalidade das pessoas que na sociedade assumem funções de chefia". E já que esses fins teriam de ser alcançados de qualquer maneira, para o bem da humanidade, todos os métodos seriam justificáveis. "O cursilista é levado a um forte sentimento de culpabilidade e necessidade de reparação. Adquire muita confiança na equipe dirigente, fica-lhe inteiramente dependente. E nesse ponto entra um fator de desonestidade, desrespeito e possibilidade de manipulação." Em resumo, o padre Martinechen sugere que o cursilho não passa de uma eficiente e produtiva sessão de lavagens cerebrais.

Ponto de partida — Embora esse método pouco louvável não esteja registrado entre os objetivos oficiais dos cursilhos, a julgar pelas intenções de muitas pessoas que se inscrevem para o retiro, a hipótese de que a lavagem ocorra, mesmo inconscientemente, não pode ser descartada. Há os cursilhistas que apenas têm fé — e fé não se discute. Ao mesmo tempo, no entanto, há os que são simplesmente curiosos e, com o desejo de desvendar os processos que provocaram transformações em amigos e parentes, pagam para ver e acabam envolvidos. E os que vêm no cursilho uma poderosíssima irmandade capaz de ajudá-los em tudo, no futuro. Ou aqueles que procuram no movimento um psiquiatra metafísico, capaz de eliminar todas as suas frustrações (no encontro número 168, para homens, realizado no fim de maio,

em São Paulo, um jovem esperava o milagre de conversar com Jesus e ouvir sua voz).

Por outro lado, só a violência de um "rollo" ou o impacto emocional provocado durante o trabalho do liquidificador não parecem suficientes para contaminar a todos igualmente. Acontecem os desabafos, a liberação, o geométrico aumento no número de confissões e comunhões a partir do segundo dia do retiro. Nasce efetivamente uma calorosa camaradagem entre os participantes, habilmente cultivada por meio dos hinos e canções que todos cantam entre "rollos" e meditações — depois que o choque da palestra sobre a Piedade arrefeceu e o gosto da amora pode ser saboreado com



Canellis: encontro com Cristo

toda a tranquilidade. Essas reações representam apenas os efeitos imediatos do cursilho. Mas o retiro é apenas o ponto de partida.

Lelé, Da Kuka — Desde que fez o cursilho, Paulo Arthur Nascimento, de 48 anos, dono da agência de publicidade de P. A. Nascimento, começa seu dia de trabalho fazendo o sinal da cruz. E repete o gesto antes de qualquer reunião ou conferência. "O retiro modificou minha vida, tornou-me mais humano no trato com os empregados, capacitou-me a julgar minhas atitudes profissionais dentro de um plano sobrenatural."

José Scatena, 54 anos, produtor de discos e filmes de publicidade, sofria de úlcera, insônia e uma dezena de distúrbios nervosos. "Agora tudo isso acabou. O cursilho eliminou minhas angústias e meus conflitos." José Cardoso, que há 21 anos trabalha com Scatena, confirma a transfiguração: "Antes ele era uma tempestade. Virou um vento manso". O entusiasmo do produtor levou-o a imprimir, no fim do ano passado, centenas de exemplares da instrução pastoral "Comunhão e Progresso", do papa Paulo VI. O livreto substituiu os cartões de Natal que Scatena costumava enviar a seus amigos.

Na firma do engenheiro e dirigente cursilista Jan Arpad Mihalik foi instituído um curso permanente de aperfeiçoamento profissional e normas de segurança para seus empregados e os de outras empresas interessadas. As aulas são gratuitas e um lanche é sempre fornecido aos alunos, "para que eles tenham condições físicas de assimilar os ensinamentos".

Pelo menos sete integrantes da vasta equipe que produz os programas de Sílvio Santos já passaram pelos retiros. Neymar de Barros, ex-ateu, de família indiferente à religião, garante que ganhou maior consciência profissional: "Por exemplo, peso cada pergunta a ser

"DE VOLTA AO CATECISMO"

Maria da Penha Delia, 28 anos, casada, repórter especial de VEJA, participou do 123.º Cursilho feminino em São Paulo. O seu depoimento:

Era como se eu tivesse sete anos. Já não vestia saia pregueada ou blusa branca de fustão, mas o tom professoral e cadenciado do sacerdote, repetindo antigos conceitos, me fez voltar às primeiras aulas de catecismo: "Adão e Eva desobedeceram a Deus e pecaram". Outro erro, cometido há quase 2 000 anos, foi relembrado com a mesma expressão patética que me assustava em criança: "Os homens mataram Cristo". A disci-

plina era exatamente igual à que me custava obedecer nos tempos de colégio religioso: hora para rezar, hora para comer, para cantar, ouvir. Todas deveriam copiar na íntegra as definições pausadamente ditadas — e ninguém deveria interromper o "rollista".

Aos poucos, no desenrolar dos três dias, evolui da infância para a adolescência. Cantei como todo mundo, achei graça em algumas piadas, ouvi de leigos as mesmas comparações e os mesmos lugares-comuns repisados por padres e freiras, meus antigos professores de colégio: "O cristão deve ser o fermento na massa" ou "A oração é um bate-

papo com Deus". Dessa vez, contudo, não ri, como nos velhos tempos, quando disseram que existem "católicos de cano entupido" — aqueles que se afastam dos canais da graça divina, os sacramentos. Minha volta à infância e à adolescência não conseguiu anular meu espírito crítico de adulta.

"A razão às vezes atrapalha: é preciso abrir mais o coração", explicou uma dirigente. Sem dúvida, para quem prefere os cômodos caminhos da emoção, a razão atrapalha. Especialmente quando ela faz perguntas, cria dúvidas — e exige explicações bem mais convincentes que uma simples fábula de Adão e Eva.